

COMO LIDAR COM SEU SINTOMA

O SISTEMA TÓRICO¹

Jairo Gerbase

A ciência não é um progresso. Lacan e Rorty² coincidem na oposição à idéia positivista de progresso da ciência. Contrariamente ao que se imagina, diz um deles, a ciência dá voltas, e não temos razão de pensar que os homens da pedra lascada tinham menos ciência que nós. Podemos colocar a pergunta, diz o outro, como passamos da relativa falta de uma mente no macaco à posse de uma mentalidade madura no humano ou do falar do Neanderthal ao falar pós-moderno. O progresso é da história das metáforas, diz um, ou depende de um-equívoco, diz o outro. Depende de como concebemos o sistema do mundo: se esferoidal – adotamos a posição da biologia evolutiva e das neurociências, se tórico - adotamos a posição da filosofia da linguagem e da psicanálise.

A psicanálise também não é um progresso. É um viés prático para *se sentir melhor*, o que não exclui o embrutecimento, a satisfação na insatisfação - que se chama gozo. Esse *se sentir melhor* se sustenta na noção de economia. A economia dá fundamento à noção de valor, àquele que depende da utilidade do bem – o valor de uso, ao outro que decorre da forma por que se expressa e se mede o valor de um bem - o valor de troca e a um terceiro que representa o suplemento do trabalho, não remunerado, e que é a fonte do lucro do capitalista – a mais-valia.

Isso tem a ver com a definição do todo – o todo é uma noção de valor, é o que vale em seu gênero, o que vale um outro, a mesma espécie de unidade. Mais adiante a gente vai ver que Lacan proporá que a psicanálise deve instituir uma prática sem valor³.

O um-equívoco se troca embora não valha como unidade. O um-equívoco é um falso todo. O um-equívoco típico é o significante não é o objeto *a*, como pode parecer, e sua espécie exemplar é o *mesmo* e o *outro*. Não há significante mais típico que o mesmo e o outro. O mesmo é uma unidade, conta-se como um; o outro é uma outra unidade. A diferença entre o mesmo e o outro, é que o mesmo é o mesmo materialmente.

O material-não-mente, embora se use o advérbio material-mente. A noção de matéria é fundamental no que diz respeito ao mesmo, porque, como habitualmente se diz, o que não se sustenta na matéria é uma escroqueria. O material se nos apresenta como corpo-sistente, quero dizer sob a subsistência do corpo, isto é, do que é consistente, o que sustenta o conjunto de um modo que se pode chamar de babaca, dito de outra maneira, uma unidade. Nada é mais único que um significante, porém nesse sentido limitado que não é mais que semelhante a uma outra emissão de significante. Ele retorna ao valor, à troca. Ele significa o todo, o que quer dizer – é o signo do todo, ou seja, o significado, o qual abre a possibilidade da troca. Sublinho nessa ocasião o que disse do possível – haverá sempre um tempo em que ele deixará de se escrever, em que o significado não sustentará mais como fundante o mesmo valor, a troca material. A introdução da mentira, é quando há troca, mas não materialidade mesmo.

Que é o outro como tal? É essa materialidade que eu dizia mesmo há pouco, isto é, que eu apontava do signo plagiando o outro. Não há senão uma série de outros, todos os mesmos enquanto unidades, entre os quais um-equívoco é sempre possível, isto é, que ela não se perpetuará e cessará como equívoco.

Tudo isso são primeiras verdades.

O homem pensa. Isso não quer dizer que seja feito só para isso. Mas é manifesto que ele só faz isso de válido. Válido quer dizer – não é uma escala de valores, a qual gira em círculo – que implica a submissão do valor de uso ao valor de troca.

É patente que a noção de valor é inerente ao sistema do toro, e que a noção de um-equívoco em meu título desse ano quer dizer apenas que se poderia igualmente dizer o contrário.

O homem sabe mais do que crê saber. Mas a substância desse saber, a materialidade que está debaixo, não é nenhuma outra senão o significante, na medida em que tem efeitos de significação. O homem fala-ser, como disse, o que não quer dizer senão que fala significante, com o que a noção de ser se confunde. Isto é real.

Real ou verdadeiro? Tudo se passa, nesse nível de tentativa, como se as duas palavras fossem sinônimas. O desagradável é que elas não o são em toda parte. O verdadeiro é o que se crê tal. A fé, e inclusive a fé religiosa, eis aí o verdadeiro, que não tem nada a ver com o real.

A psicanálise, é preciso que se diga, gira no mesmo círculo – é a forma moderna da fé, da fé religiosa. À deriva, eis aí onde está o verdadeiro quando se trata do real, porque manifestamente – desde sempre saberíamos, se não fosse tão manifesto – não há conhecimento, não há senão saber no sentido em que eu disse em primeiro lugar, a saber que a gente se gourre. Um-equívoco, é disso que se trata. Giro em círculo da filosofia – trata-se de dar um outro sentido ao termo sistema do mundo que é preciso conservar, ainda que desse mundo não se possa dizer nada do homem a não ser que ele é chu disso. Veremos como – isso tem muita relação com o furo central do toro.

Não há progresso. O homem gira em círculo se o que disse de sua estrutura é verdadeiro, a saber que a estrutura do homem é tórica. Não que afirme absolutamente que ela seja tal – digo que se pode tentar ver onde está a coisa, tanto mais quanto nos incita a isso a topologia geral. O sistema do mundo tem sido sempre até aqui esferoidal.. Poder-se-ia talvez mudar.

O mundo esteve sempre inclinado até o presente, para isso que os homens têm enunciado, para o interior de uma bolha. O vivente considera a si próprio como uma bola, mas com o tempo ele pelo menos se apercebeu que não era uma bola mas uma bolha. Por que não se aperceber que o que se vê do corpo vivo está organizado como o que outro dia chamei trico e que não é nada mais que um toro (figura 1). É a isso que leva o que conhecemos do corpo como consistente — chama-se isso *ecto*, isso *endo* e em torno há o *meso*. Aqui a boca. Aqui a boca posterior.

Somos tóricos, ou, com a elisão do o, tricos. Isso nos leva a considerar que a histérica, que cada um sabe que é tanto macho quanto fêmea, a histórica, se posso me permitir esse deslizamento, não tem em suma para

fazê-la consistir senão um inconsciente. É a radicalmente outra, ela não é mesma a não ser como outra. Eu a feminizo neste momento mas como vocês vão ver vou colocar meu peso do outro lado.

Pois é meu caso. Eu também não tenho senão um inconsciente. É mesmo por isso que penso nisso todo o tempo. A tal ponto que penso o universo tórico. Isso não quer dizer outra coisa. Eu não consisto senão em um inconsciente no qual penso noite e dia, o que faz que o um-equivoco torne-se inexato – faço tão poucos equívocos! Claro, faço isso de vez em quando, me ocorreu dizer em um restaurante – *A Senhora está obrigada a comer somente caranguejos à nado*. Quando fazemos um erro desse gênero, isso não funciona. Afinal de contas, sou um histórico perfeito, isto é, sem sintomas, exceto de vez em quando este erro de gênero.

Há mesmo alguma coisa que distingue a histérica de mim. Vou tentar demonstrar isso graças ao trico que introduzi da última vez. Se, tomando dois toros que fazem cadeia, vocês fazem um corte aqui (figura 2), vocês obtêm o trico, exceto que este está agora no interior.

A diferença entre a histérica e eu – que, em suma, por força de ter um inconsciente, o unifico com meu consciente – é que a histérica é sustentada em sua forma de trico por uma armadura, distinta de seu consciente, e que é seu amor por seu pai (figura 3). Tudo o que conhecemos de casos enunciados por Freud acerca da histeria, quer se trate de Anna O., de Emmy von N., de Emmy von R., o confirma. A armação é a cadeia, a cadeia das gerações.

Isso não quer dizer que se possa esquematizar o reviramento de um toro em torno de um outro por um trico. Há talvez alguma coisa que faz obstáculo. A cadeia inconsciente se detém em relação aos pais? É, sim ou não, fundada, essa relação da criança aos pais?

Se coloco a questão do que é um furo, é preciso me ter confiança – isso tem uma certa relação com a questão. Por intuição, o furo é um furo na superfície. Mas uma superfície tem um direito e um avesso, o que significa que um furo, é o furo do direito mais o furo do avesso. Ora, existe a banda de Moebius, que tem por propriedade conjugar o direito com o avesso (figura 4). Quer dizer que uma banda de Moebius é um furo? Ela bem parece. Aqui, há um furo. Mas é um verdadeiro furo?

Isso não é absolutamente claro, pelo simples fato de que uma banda de Moebius não é outra coisa que um corte. Se a cortamos em dois, o direito e o avesso tornam-se normais. A partir do momento em que há dois toros, há um direito distinto do avesso. Uma banda de Moebius é capaz de se desdobrar de modo seguinte (figura 5) e é nisso que ela se mostra compatível com o toro.

O toro por sua vez é capaz de ser recortado segundo uma banda de Moebius dupla. E é o que nos dá a imagem do laço do consciente e do inconsciente.

O consciente e o inconsciente são suportados e se comunicam por um mundo tórico. Freud se obstinou em torno disso, mas não disse a última palavra. Ele sobretudo jamais anunciou isso, que o mundo é tórico. Ele acreditava que havia uma vigilância que refletia ponto por ponto o cosmos e que ele chamava a psique. Ele disse disso o que é considerado com verdade comum, que a psique é o reflexo de um certo mundo.

Enuncio que o mundo é tórico a título, repito, de uma tentativa. Não vejo em que poderia estar seguro do que adianto, ainda que hajam muitos elementos que dão o sentimento e em primeiro lugar a estrutura do corpo.

Que todo ser vivo se denomine como trico, é o que um certo número de estudos anatômicos, aliás grosseiros, confirma. O toro se apresenta como tendo dois furos em torno dos quais alguma coisa consiste, isso é de simples evidência. O mesmo vale para o corpo e sabe-se desde sempre, desde que se começou a dissecar, e fazer anatomia, a mais macroscópica.

Uma esfera, podemos considerá-la como um furo no espaço? Isso é muito suspeito, porque isso supõe, o mergulho no espaço que não funciona. É igualmente verdadeiro para o toro e é nisso que, ao dividi-lo em dois folhetos capazes de fazer um duplo giro, reencontramos a superfície que, a nosso ver, é mais garantido – em todo caso para fundar o que diz respeito ao furo.

Não data de ontem que faço uso desses encadeamentos. Desde lá, para simbolizar o circuito, o corte do desejo e da demanda, eu me servi do toro. Tinha distinguido dois modos, a saber, o que fazia o giro do toro e, por outra parte, o que fazia o giro do furo central, identificando a demanda à um ao desejo ao outro (figuras 6 e 7).

Da última vez fiz questão disso, que consiste em um toro em um toro. Se vocês marcam os dois com um corte e se vocês rebatem os dois cortes concentricamente, farão vir o que está no interior para o exterior e, inversamente, o que estava no exterior virá ao interior. Esta transformação que age envolvendo o que está no interior não deixa de ter relação com a psicanálise. A psicanálise, com efeito, se esforça em colocar fora o que está no interior, a saber, o inconsciente. Mas isso não é sem problemas.

Suponhamos três toros, especialmente o real, o imaginário e o simbólico. Que iremos ver ao revirar o simbólico procedendo por um corte? Uma disposição completamente diferente do nó borromeano (figura 8). Ao revirar, o toro do simbólico envolve totalmente o imaginário e o real. É nisso que o uso do corte em relação ao simbólico corre o risco de provocar, ao fim de uma psicanálise, uma preferência dada em tudo ao inconsciente. Colocar assim o acento sobre a função do saber do um-equivoco pelo qual eu traduzo o inconsciente, pode efetivamente fazer com que a vida de cada um se arranje melhor, mas isso é de uma estrutura de natureza essencialmente diferente daquela do nó borromeano.

O fato de que o imaginário e o real estejam inteiramente incluídos em alguma coisa que saiu da prática da psicanálise põe questão nisso que não é a estrutura do nó borromeano.

Experimentar uma psicanálise marca uma passagem, na condição que minha análise do inconsciente enquanto fundando a função do simbólico seja completamente receptível. De fato, aparentemente, e posso confirmar realmente, o fato de ter franqueado uma psicanálise não permitiria ser reconduzido ao estado anterior salvo ao praticar um outro corte, que seria equivalente a uma contra-psicanálise.

É por isso que Freud insistia para que os psicanalistas refizessem o que se chama correntemente uma fátia, isto é, que fizessem uma Segunda vez o corte, restaurando assim o nó borromeano em sua forma original.

¹ Tradução: Jairo Gerbase: 24/08/98.

² Lacan, J., Seminário de 14/12/76, *Ornicar?* 12; Rorty, R., "Contingencia, ironia y solidaridad", Paidós, Barcelona, 1998.

³ Ver "Variedade do sintoma", aula de 19/04/77, deste seminário.